



Olhar a cidade à luz da revitalização

Pedro Costa

Quando fui convidado para editor do dossier temático que consubstancia o Caderno desta edição nº 4 da *rossio*, o tema da revitalização urbana surgiu-me como evidente, por um lado, face aquela que tem sido a evolução recente da cidade de Lisboa, e a forma como esta tem reassumido algum protagonismo significativo, em diversas frentes, no quadro da área metropolitana por ela polarizada, mas também, por outro lado, tendo em conta a necessidade de uma reflexão mais ampla e sistemática sobre aquilo que um centro urbano como este efectivamente é (ou poderá ser) face às múltiplas dinâmicas de recomposição vividas no contexto de globalização e à vasta reestruturação socioeconómica, tecnológica e cultural por que passamos nas sociedades contemporâneas. A escolha deste tema pareceu-me, para além disso, particularmente pertinente na medida em que ele nos permite (e eu diria mesmo, nos requer...) uma abordagem interdisciplinar, ou mesmo transdisciplinar, às dinâmicas urbanas, a qual assumo como sendo essencial para pensar a(s) cidade(s), e que, para além disso, se afigura claramente adequada face à matriz de um projecto editorial como o da revista *rossio*. Traduzindo-se a noção de revitalização urbana num conceito menos estabelecido, pelo menos nalguns campos disciplinares, do que vários outros conceitos próximos, como os de renovação, reabilitação, requalificação ou regeneração urbana, esta oferece no entanto um valor heurístico acrescido. Este valor acrescentado relaciona-se com a perspectiva disciplinarmente mais transversal que convoca e com a capacidade de dar conta dos processos sociais e humanos a par dos físicos e morfológicos, de uma forma não apenas reactiva mas também proactiva. A sua aplicação a áreas anteriormente centrais e/ou vitais na cidade (mas que entretanto foram alvo de reestruturação em algum daqueles domínios, não necessariamente em todos), remete-nos para os usos e as lógicas de estruturação tradicionalmente existentes nesses espaços mas não se restringe a eles, assumindo igualmente os novos

contextos e desafios que se colocam à sua transformação, e equacionando (re)nova(da)s formas, dinâmicas e processos para a vitalidade urbana para esses territórios. A questão da revitalização é particularmente fulcral numa área metropolitana em que o seu centro tradicional (a cidade de Lisboa), não acolhe nos dias de hoje mais de um quinto da população residente na mesma, e em que as suas diversas periferias, competem naturalmente pela criação de centralidades (económicas, residenciais, simbólicas,...) e pela sua própria vitalidade, mas onde, simultaneamente, diversas dinâmicas de regresso ao centro (ou mesmo de pura apropriação, absorção e reprodução de algumas das dimensões de vitalidade observadas nas suas margens, em domínios específicos, como o económico ou o cultural) se começam a verificar. Se na Lisboa, dos anos 90, a “expansão” interna da cidade se faz ainda essencialmente pela vontade de criação de novos “centros”, como a Alta de Lisboa ou o Parque das Nações, numa lógica muitas vezes mimética das dinâmicas das periferias mais distantes, o que é facto é que alguns sinais de revitalização do centro histórico se começam claramente a notar, seja ao nível da infraestruturação urbana e do investimento na reabilitação do edificado, seja pelo desenvolvimento de alguns processos de gentrificação, seja ainda pelo crescimento da sua centralidade simbólica em diversos campos, destacando-se mesmo uma zona da cidade, que num forte contexto de refluxo demográfico do centro da cidade, consegue aumentar a população residente: o Bairro Alto. Com o virar do século, esta dinâmica de revitalização é já bem mais transversal, estendendo-se, em ritmos distintos, ao Castelo, ao Chiado, à Baixa Pombalina, ao Cais do Sodré, ao Martim Moniz e Mouraria, ao Príncipe Real, à zona dos Anjos e eixo da Av. Almirante Reis, ou à Graça, e traduzindo processos de revitalização que marcam sobretudo o centro histórico mais consolidado da cidade, mas se refletem em dimensões muito diversas, espelhando uma multiplicidade de dinâmicas, económicas, sociais

e culturais, com a sua concomitante tradução física na reabilitação e regeneração de espaços públicos e privados. É para uma contextualização desta diversidade de processos que o texto de Pedro Costa, João Seixas e Andreia Magalhães nos alerta, mapeando as dinâmicas e desafios que se colocam ao centro histórico de Lisboa em torno de 6 grandes linhas estruturantes que marcam a sua evolução nos anos mais recentes: da recomposição demográfica às reconfigurações das práticas sociais e comportamentos de quem frui a cidade; da profunda transformação dos factores de competitividade económica às mutações nas vivências e nas lógicas de consumo e de apropriação dos espaços urbanos; dos processos de reconfiguração na morfologia e nas lógicas de mobilidade urbana às dinâmicas de recentragem simbólica e imagética da cidade e dos seus bairros históricos. A perspectiva mais quantitativa apresentada no texto de Roberto Henriques complementa esta panorâmica geral, analisando a evolução recente nos padrões espaciais e socioeconómicos de Lisboa, com base na informação do censo 2011, explorando o recurso a novas ferramentas e instrumentos cartográficos (e designadamente o potencial dos *self organizing maps*) para nos mostrar e mapear as dinâmicas de revitalização verificadas na cidade à luz da evolução intercensitária verificada numa bateria de diversos indicadores sociodemográficos e habitacionais. Esta abordagem mais genérica, à escala da cidade e da sua articulação com a área metropolitana em que se insere, em que se baseiam os dois primeiros artigos, dá depois lugar a um maior enfoque geográfico e temático, nos restantes textos, o que nos permite aprofundar estas dinâmicas, no concreto, a partir de um conjunto de situações específicas, mas paradigmáticas das múltiplas vertentes de vitalização recente da cidade. Na perspectiva da análise de recomposição social e dos estilos de vida, o artigo de M^a Assunção Gato leva-nos, numa abordagem comparativa, aos habitantes de três bairros de Lisboa (Príncipe Real, Telheiras e Parque da

Nações) e confronta-nos com as suas percepções e as suas motivações no que concerne à valorização das suas escolhas residenciais. São analisados os mecanismos determinantes da produção e reconhecimento colectivos desse valor, assumido como elemento fulcral na escolha e na percepção dos espaços de residência, a partir das dimensões analítica da centralidade, da qualidade de vida e das identidades. O texto de Paulo Tormenta Pinto, partindo de um projecto para uma intervenção específica no bairro da Madragoa, associado à construção de um novo centro social por uma instituição particular de solidariedade social (a Assistência Paroquial de Santos-o-Velho), reflecte sobre o potencial de uma lógica de revitalização assente numa acção concertada entre o planeamento urbano mais institucional e a acção concreta dos agentes locais, equacionando o processo de revitalização urbana enquanto fonte de participação e oportunidade para consolidar a cidadania. As percepções das populações acerca dos processos de intervenção comunitária, de requalificação e de reabilitação, faces visíveis da estratégia multifacetada de revitalização urbana de que tem sido alvo o bairro da Mouraria, são o tema do texto de Matos, Perestrelo e Velez. Neste artigo, partido do caso da intervenção realizada no âmbito do Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria, em cuja equipa de avaliação os autores participaram, mostram-nos como os resultados de uma intervenção de revitalização urbana municipal são percebidos e avaliados pela população local, auscultada através de inquérito, identificando os principais elementos de mudança, positivos e negativos, reconhecidos pela população local, bem como os seus principais anseios sobre o que pensam fazer sentido fazer em termos da actuação no bairro. O texto de Ricardo Lopes conduz-nos mais directamente para as dinâmicas de revitalização mais focadas nas sociabilidades urbanas, na apropriação dos espaços públicos e nas lógicas de lazer e de consumo associadas às actividades criativas (e nas múltiplas dimensões

de convivialidade e de criação de valor a elas associadas, incluindo a informalidade), as quais têm sido universalmente destacadas um pouco por todo o mundo, sendo frequentemente associadas aos processos de gentrificação. Neste texto dá-se conta da expansão e das transformações do tradicional bairro “cultural e criativo” da cidade, o Bairro Alto, e dos seus efeitos de contaminação à zona do Cais do Sodré, os quais se reflectem em termos da sua recomposição aos níveis morfológico, funcional, social e económico. É igualmente no campo das actividades associadas às “novas” formas de sociabilidade urbana que se podem situar as dinâmicas analisadas por Paula Guerra e Ana Oliveira. Partindo do estudo de três locais emblemáticos na noite das “cenas alternativas” lisboetas (o Frágil, o Incógnito e a Galeria Zé dos Bois), as autoras discutem o papel destes espaços, o qual foi central na revitalização e recentragem simbólica da cidade, em particular a partir dos anos 80 e 90, nos campos da estruturação da noite, dos consumos musicais e das cenas artísticas e culturais em Lisboa,. Numa lógica um pouco distinta, mas igualmente com um cunho etnográfico forte, o texto de Nuno Rodrigues avalia as dinâmicas de revitalização numa zona que tem sido sobremaneira analisada ao longo dos últimos anos, face às múltiplas dinâmicas endógenas e ao foco de diversas acções de intervenção pública que a têm marcado, em dimensões variadas: a Praça do Martim Moniz. Partindo de uma análise crítica da mais recente intervenção nesta praça, o autor analisa as actuais formas de acesso e apropriação à mesma, discutindo a lógica e pressupostos da intervenção e a possibilidade de revitalização da praça e da área envolvente. Finalmente, o texto de Jorge Silva centra-se na relação entre património, reputação e criação de valor, partindo de uma intervenção no edificado existente numa outra zona que tem sido claramente paradigmática dos processos de revitalização (e de gentrificação) na cidade: a área do Príncipe Real. A perspectiva é aqui a da valorização do território (económica, física, cultural, simbólica, etc), a qual é estudada, tendo em conta a

interligação entre os diferentes agentes e instituições que (re)produzem a cidade, a partir da análise da intervenção de um fundo imobiliário na zona e da sua estratégia para a valorização do território em causa, e, naturalmente, dos seus activos próprios. Outras dimensões poderiam ser igualmente ser convocadas para esta discussão acerca da revitalização da cidade de Lisboa. Algumas delas têm sido trabalhadas nos anos mais recentes: as dinâmicas ao nível das trajectórias residenciais dos habitantes da área metropolitana, as mudanças nas suas formas do habitar, as mutações nos mercados de trabalho e na estruturação e nas geografias da actividade económica da cidade, as dinâmicas das actividades culturais e criativas e forma como estas são fulcrais para a vitalidade urbana, o desenvolvimento da actividade turística na cidade e as suas profundas transformações que marcaram indelevelmente o passado recente do seu centro histórico, a diversificação e reconfiguração das lógicas de estruturação e das espacialidades nas actividades comerciais e de serviços, o papel dos migrantes na recomposição social, nas práticas e nas identidades, as dinâmicas induzidas pelos diversos tipos de gentrifiers nas vivências urbanas, a requalificação das frentes ribeirinhas e dos espaços públicos e as transformações nas formas de apropriação, entre tantos outros aspectos. Dá-se conta parcialmente de algumas destas dimensões na sugestão de bibliografia crítica que se apresenta na secção respectiva. Importará portanto ter consciência desta diversidade e desta multidimensionalidade de vertentes aquando da análise - e do esboçar de processos de intervenção - sobre esta realidade. Mas por agora, e tendo consciência disto, convidovos apenas, através desta selecção de textos, a aprofundarem a vossa curiosidade para colocarem as lentes da revitalização urbana para olhar – e para ver – um pouco melhor a cidade de Lisboa...